

Comportamento

Muito além da ceia, jogos e dinâmicas criativas aproximam famílias e amigos, reforçando vínculos e renovando o clima de celebração

POR GIOVANNA RODRIGUES*

Em meio a ceias fartas, casas cheias e expectativas acumuladas ao longo do ano, o Natal costuma carregar uma mistura intensa de afeto, nostalgia e tensão. Para algumas famílias e grupos de amigos, no entanto, o caminho encontrado para amenizar esse encontro coletivo passa menos pela mesa e mais pelo chão da sala: é ali, entre risadas, regras simples e jogos improvisados, que o vínculo se renova.

Apesar da predominância dos velhos e conhecidos “amigo secreto” e “amigo da onça”, novas brincadeiras e jogos vêm renovando o espírito nas festas e confraternizações de fim de ano, como competições leves e divertidas, disputas engraçadas valendo prêmios e até bingo, com presentes ou prendas, tudo para tornar o clima o mais divertido possível.

Segundo a psicóloga, psicanalista e neuropsicóloga Silvia Oliveira, brincar cumpre justamente essa função de reconectar as pessoas. “O brincar é uma forma simples de ‘costurar’ a família por alguns instantes. Em vez de cada um ficar preso ao seu papel habitual, o jogo muda a cena: coloca todo mundo no mesmo chão, com regras claras e um objetivo leve”, explica. Para ela, a brincadeira ajuda a casa a sair do modo tensão e entrar no modo encontro.

É o caso da família da Juce Martins, 46 anos, consultora técnica, que transformou as brincadeiras no eixo central da celebração natalina. A tradição começou quando os irmãos passaram a ter filhos e sentiram a necessidade de manter todos próximos. “Isso é uma tradição de muitos anos, desde quando nós, irmãos, começamos a ter filhos e sentimos essa necessidade de unir a família”, conta.

Hoje, são cerca de 15 pessoas reunidas todos os anos, com combinados claros e inegociáveis. “Nós somos proibidos de viajar. Ninguém pode fazer outra coisa que não seja passar o Natal com a gente”, diz Juce. Além disso, preferem preservar a intimidade do grupo, evitando incluir convidados de fora. “Já deixamos outras pessoas participarem uma vez e achamos horrível. Então ficou só a família mesmo.”

Com o crescimento das crianças, as brincadeiras também evoluíram. O que começou com jogos mais infantis foi ganhando novas dinâmicas, acompanhando as idades e os interesses. Juce assumiu o papel de organizadora oficial: ao longo do ano, anota ideias, compra objetos e planeja cada etapa da noite. “Eu fico responsável por comprar os objetos, anotar as brincadeiras e preparar tudo.”

Fotos: Arquivo pessoal



BRINCAR E CELEBRAR

Cada jogo tem premiação, o que aumenta o envolvimento dos adultos e transforma todos em participantes ativos. “Hoje não são mais brinquedos. A gente compra itens para premiar quem ganha, e todo mundo entra na disputa”, conta. Entre todas, a mais aguardada e temida é o “amigo da onça”. “É uma disputa danada, porque todo mundo quer roubar o presente do outro.”

Para a psicóloga, esse tipo de dinâmica ajuda, inclusive, a regular emoções comuns às festas de fim de ano. “Psicologicamente, isso ajuda a regular o

clima: o corpo relaxa, o tom de voz muda e a atenção se volta para o aqui-e-agora”, afirma. Em uma leitura psicanalítica, segundo ela, “a brincadeira dá um lugar simbólico para o vínculo: por alguns minutos, o laço fala mais alto do que a disputa”.

Também entre amigos

A presença das brincadeiras não se limita ao ambiente familiar. Entre amigos, as dinâmicas lúdicas também funcionam como ponte para criar intimidade, mesmo quando o grupo ainda está se conhecendo. Foi o que